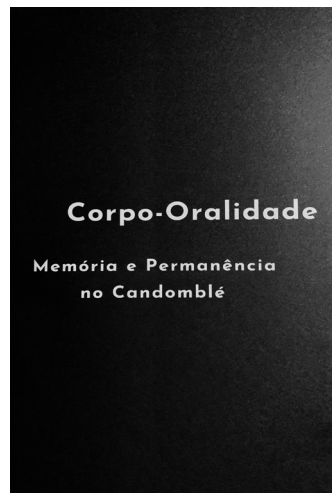


MEIOS DE ENSINO, APRENDIZAGEM E COMUNICAÇÃO DE DISPOSITIVOS PARA O ACESSO SEMÂNTICO À CULTURA DO TERREIRO

Cristiane Wosniak¹

Sobre ALMEIDA, Pedro Paulo Costa de. *Corpo-oralidade: memória e permanência no Candomblé*. Curitiba, PR: Poncã Produção e Arte, 2019, 192 pp, ISBN: 978-65-80756-00-1.



RESUMO: Trata-se de uma resenha crítica do livro *Corpo-Oralidade: Memória e Permanência no Candomblé*, do autor Pedro Paulo Costa de Almeida, publicado em 2019 pela Poncã Produção e Arte (Curitiba, PR) e que se constitui em um dos desdobramentos/produtos resultantes do fato de o autor ter sido contemplado no Edital 148/2018 “*Patrimônio Imaterial e Cultural Afro-Brasileiro*” da Fundação Cultural de Curitiba.²

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivos semânticos; Cultura; Candomblé; Terreiro.

Quando eu conheci o Pedro³ – ainda no primeiro ano do curso de Bacharelado e Licenciatura em Dança da (Unespar/FAP) – imediatamente pensei: “*taí um sujeito arteiro...*”⁴ E dali para a frente, a sua trajetória na graduação foi permeada de muitos estudos e experimentos performáticos um tanto provocativos.

1 Doutora em Comunicação e Linguagens: Estudos de Cinema e Audiovisual (UTP). Docente Adjunta da Universidade Estadual do Paraná - *campus* de Curitiba II/FAP. Vice-coordenadora do Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Unespar/FAP. Membro do GP Kinedária: arte, poética, cinema, vídeo (Unespar/PPG-CINEAV/CNPq) e do GP ELiTe: Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades (UFPR/PPGE/CNPq). E-mail: cristiane_wosniak@yahoo.com.br

2 Para maiores informações sobre as ramificações culturais do referido projeto [que inclui a criação e um acervo digital de acesso livre e gratuito sobre as fontes da pesquisa, além de um Seminário, um mini-curso e uma exposição “ARA-lidade”, consultar o endereço: <www.ocandomblé.com.br>.

3 Artista, professor, gestor e produtor. Bacharel e licenciado em Dança pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – *campus* de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Criador da (proto)teoria *DesignDança*. Pesquisa relações semióticas e sistêmicas no Candomblé e desenvolve diversas ações de acessibilidade semântica ao Candomblé, por meio do trânsito entre os campos etimológicos da cultura de terreiro e do pensamento contemporâneo em Artes Cênicas e Performatividade.

4 De acordo com o dicionário de sinônimos, dentro da conotação do adjetivo arteiro ainda cabem: “astucioso, brincalhão, esperto, travesso, provocador, malicioso...” Este é Pedro Almeida!

Este moço sem ‘papas’ na língua-corpo-fala, sendo artista e babalorixá⁵, formou-se com êxito e tornou-se um exímio e consistente pesquisador das relações entre as teorias gerais dos sistemas, da semiótica e do design. Seu performar dançante me parecia híbrido, único, cáustico e frequentemente ancorado numa espécie de humor trazido do *stand-up comedy*. Este foi nosso ponto de contato mútuo: o humor empregado na/da dança que tanto nos entusiasmava e ainda entusiasma.

A partir destas breves credenciais, devo mencionar que o Pedro, um tempo atrás, propôs o projeto *O Corpo como Recurso-Agente-Veículo de Memória, Manutenção e Permanência da Cultura de Terreiro* e foi contemplado pelo Edital 148/2018 “*Patrimônio Imaterial e Cultural Afro-Brasileiro*” da Fundação Cultural de Curitiba, tendo realizado ações educativas e artísticas decorrentes de sua intensa pesquisa com o intuito de refletir sobre as formas e os meios como se dão as relações de transmissão de conhecimento na cultura de terreiro na cidade de Curitiba, Paraná. O ponto de acesso à valorização dos saberes e das formas de expressão da cultura afro-brasileira inscrita nos corpos dos agentes praticantes do candomblé, deu-se via oralidade/corpo-em-movimento. Este livro resulta de um dos desdobramentos do referido projeto.

Pedro Almeida inicia seu livro – contendo 192 páginas distribuídas em 24 seções/blocos de textos [sendo 4 deles escritos pela artista da dança-docente-pesquisadora e Mestre em Sociologia (UFPR) Tatiana Araújo Berghauser –, a partir de uma colocação contundente: “*o cenário sócio-político da atualidade tem me inspirado a discutir possibilidades de colaborar para a extinção da violência racial no Brasil, em especial as geradas pelo racismo religioso*” (p. 10).

No claro intento de buscar e desenvolver novos dispositivos para o acesso semântico à cultura do terreiro em território curitibano – (re)conhecidamente como um reduto de colonização eurocêntrica –, o autor concebe um livro expressivo [em suporte icônico nas cores preta e branca, sempre em oposição cambiante] e aposta em imagens fotográficas [p/b] intensas, borradas propositalmente em sua nitidez, resguardando as identidades e memórias de corpos em (ex)posição de movimentos rituais nos/dos terreiros curitibanos. As belíssimas fotografias, creditadas à Thais Gomes Serpa, constituem um segundo texto dentro do texto verbal: um diálogo convidativo à contemplação do rito, à reverência ao culto de um corpo-memória-tradição em espaço histórico e também habitat de divindades e práticas litúrgicas.

Considerando os processos de evolução da língua ioruba no Brasil e no continente africano, com destaque à Nigéria, especialmente quanto à tensão entre a sua apresentação gráfica e os sentidos estabelecidos para as diversas expressões faladas no cotidiano das comunidades de terreiro no Brasil, esta edição utiliza a grafia ioruba moderna como base, preservando a grafia/sonoridade do ioruba brasileiro nas situações de conflito e que se admite dupla grafia (ALMEIDA, 2019, p. 14).

5 Babalorixá (*Bàbálórìsà*) é uma palavra de origem iorubá formada pela junção de *Bàbá+lo+Òrìsà*. Com o aportuguesamento tornou-se “Babalorixá” e/ou “babaloxá”, (“baba” + lo (de) + “orixá”). Um **babalorixá** do candomblé pode ser chamado de **pai de santo**, porém, pais de santo de outras religiões afro-brasileiras não podem ser chamados de babalorixá por não terem cumprido todas obrigações requeridas para se ter esse título. Pedro Almeida cumpriu todas as obrigações!

Quanta ousadia nesta empreitada! Língua ioruba?! Sim... E numa empreitada de sucesso, deve-se mencionar, o autor, já no capítulo inicial intitulado *De quem estamos tratando*, apresenta também o termo ‘nagô’ em seus processos de ressignificação ao longo da história e justifica seu uso, por estar o termo relacionado ao desígnio dos Candomblés – como localidades de cultos a divindades iorubanas no Brasil.

A adoção do termo nagô também busca algo diferente das ações categóricas e generalizantes de termos como ‘kétu’ e ‘angola’; ressignificamos a palavra nagô para falar de uma base filosófica, não para sugerir algum tipo de hierarquia ou purismo, pois vale reiterar que são diversas as bases filosóficas que acabam potencialmente por constituir uma casa de Candomblé (ALMEIDA, 2019, p. 17).

A seção inicial deixa claro ao leitor, portanto, que o presente livro não tentará exibir o Candomblé como um bloco sólido e sim como um sistema fluído, aberto, dinâmico que se desenvolveu e se desenvolve ainda por meio do princípio da alteridade. São inúmeras as fontes que alimentam determinados terreiros, famílias ou momentos do próprio rito Candomblé, atesta o autor.

Em um dos capítulos mais contundentes, forjado na tentativa de estabelecer relações entre corpo-oralidade e entidades do Candomblé, o autor em *O que é corpo ou quem é Èsù?*⁶ apresenta o corpo como um sistema dinâmico e complexo e o associa à entidade divina do Exú como um vislumbre das visões de espaço-tempo e energia desta cultura do terreiro. O Candomblé é atestado como um produto de diversas relações e no âmbito destas inter(ações) o corpo assume papel protagonista.

A seção *O mito da codificação*, alerta o/a leitor/a para os cuidados com a universalização simbólica dos movimentos, gestos, cores dos trajes e ritmos atribuídos aos orixás. Almeida lembra que diversas são as culturas conhecidas como Candomblé e ainda que a maioria tenha elementos comuns ao culto, não seria adequado estabelecer uma espécie de lei universal para qualquer aspecto desta riquíssima linguagem cultural. Neste panorama o que r(e)xiste de concreto e imutável é a lei corpo-oralidade. Esta noção é a que, seguramente, fundamenta as relações de permanência cultural, mesmo em tempos de tensão diaspórica.

A abertura da seção *Teorias (Mal Ditas) X Práticas* deixa claro que o dualismo cartesiano e opositor de corpo/matéria não condiz com a ideia de corpo expressa nos ritos do Candomblé.

O Candomblé pratica uma abordagem de corpo que o naturaliza complexamente, o corpo é parte da natureza por ser tão divino quanto todo o resto; na prática o corpo é sagrado, na mesma medida que todo o restante da natureza. A supressão do corpo ligada à condição fatídica de profano, que outras visões sugerem, talvez relativas ao cristianismo, constitui uma imensa agressão ao conjunto de saberes que o Candomblé produz, justamente por ser o corpo fundamental ambiente destas sapiências, o legando como algo a ser ultrapassado no processo de progressão do ser espiritual (ALMEIDA, 2019, p. 30).

⁶ *Exú* na língua iorubá significa “esfera”. Trata-se aqui, do orixá do “movimento”. Pedro Almeida é bastante específico em dar início às suas pesquisas sobre corpo e(m) movimento abrindo o livro – e seus caminhos – pela divindade relacionada ao movimento e responsável pela “fiscalização de tudo o que acontece” (ALMEIDA, 2019, p. 22).

É Também neste capítulo que Almeida se reporta aos recorrentes preconceitos e ao racismo no Brasil. Admite-se que diversas vezes se maquia o preconceito e se destaca toda a ordem de violência conceitual e física que muitos dos afrodescendentes permanecem historicamente sofrendo em uma nação que se diz tolerante e sincrética.

A seguir, Almeida se refere às influências óbvias da cultura de matriz africana em solo brasileiro e dá início a um traçado sobre os processos iniciáticos do(s) Candomblé(s) tendo em vista a vivência e contaminação das várias “Áfricas” do Brasil, com o intuito de (re)conhecer os processos coevolutivos inerentes a estas relações. As discussões que se sucedem dão conta dos processos de preparação de um corpo-oralidade para emanar a ancestralidade afro-brasileira, de práticas que desenvolvem diversos estados corporais em seus elementos ritualísticos (banhos, ervas, alimentação, posições do corpo, gestos, movimentos dançantes, sons, cânticos e o espaço do terreiro como arquitetura da liturgia).

Dentre os processos de iniciação ritualística, aborda-se o ‘virar de santo’, a invocação, a (in)corporação das crenças basais, os Orixás e novamente o ‘Ara’ – o corpo visto aqui como “um dispositivo de aprendizagem da natureza” (p. 50). Almeida acredita que é no/pelo corpo que registramos, acessamos a atualizamos conteúdos para nossa própria evolução em meio à existência primordial.

Elucidações quanto aos aspectos complexos da língua ioruba exemplificam confusões quanto aos diferentes significados atribuídos à palavras exatamente iguais em grafia e tom, mas que mudam seus significados em relação ao seu emprego em diferentes contextos.

A seção *Egúngúns e a Corpo-Oralidade para Além da Fisicalidade* apresenta as camadas diversas de uma porosa e atemporal ancestralidade. “Em Egúngúm encontraríamos nossas tendências, culturas, temáticas, nossos instintos; uma espécie de banco de dados que a natureza projeta para nós e de nós, desde o início do humano até o fim do infinito” (ALMEIDA, 2019, p. 85).

Tatiana Araújo Berghauser é a autora que abre a seção *Percepções Sobre o Candomblé ... um lugar de fala*. Neste trecho do livro, a autora reflete sobre religiosidades, religião e magia, declarando que sempre esteve mais próxima do entendimento de um mundo religioso como pertencente ao campo do misticismo e que “se explica racionalmente enquanto fenômeno de massas” (BERGHAUSER, 2019, p. 94). A seguir, a autora empreende um debate em prol da relevância do tema investigado e proposto por Almeida, tendo como justificativa o momento atual vivido no Brasil, diante da ocorrência de tantos episódios de intolerância – não apenas racial, mas também de cunho religioso – onde se abandonam os princípios básicos de respeito ao outro e às suas diversas práticas e crenças.

Em seu excerto denominado *O Terreiro – Primeiras Impressões*, Berghauser narra impressões contundentes quando da visita a um dos terreiros de Candomblé que integraram o projeto investigativo de Almeida. Escrito sob a forma de um ‘diário de campo’ a autora deixa explícita a sua formação como socióloga. Tanto a arquitetura da localidade, quanto os aspectos envolvidos no ritual que presenciou são descritos de forma pormenorizada.

Berghauser é ainda responsável pela escrita de mais dois textos: *As Relações de Aprendizado que Passam pelo Corpo no Candomblé – apreensão e difusão da cultura e religiosidade afro-brasileira* (p. 152-161) e *O Racismo Estrutural que nos Cega* (p. 166-172). Em ambos os textos, a linguagem é mais acadêmica e as reflexões se pautam em discursos identitários da/na História do Brasil, trazendo para a discussão autores de matrizes diversas.

A obra encerra com um texto manifesto: *A Receita de um Ebo*.⁷

Precisamos defender a visão de mundo que nos pertence, somos detentores e pertencemos a uma cultura que já atestou sua eficiência em permanecer. O status qualis de nossas lógicas de ensino e aprendizagem é atestado por nossa história (ALMEIDA, 2019, p. 174-175).

O livro, portanto, trata de uma jornada pelos recônditos de uma cultura envolta em um riquíssimo arsenal histórico, cultural, linguístico, artístico e ritualístico. O Candomblé aflora, aqui, como uma lógica de insistência, r(e)xistência ou persistência.

Pedro Paulo Costa de Almeida convida-nos, com a leitura desta obra/manifesto, a um processo de valoração da cultura afro-descendente como patrimônio nacional a ser mantido “dentro e fora dos terreiros” (p. 175).

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Pedro Paulo Costa de. **Corpo-oralidade**: memória e permanência no Candomblé. Curitiba, PR: Poncã Produção e Arte, 2019.

Recebido em: 14/02/2020

Aceito em: 10/03/2020

⁷ No Candomblé e em seitas afins, trata-se de uma espécie de oferenda dedicada a um Orixá, em sua intenção.